

A HOMENAGEM A ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA NO QUADRO DA RENOVAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

por

Vítor Oliveira Jorge *

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia foi fundada no Porto em Dezembro de 1918; tem, portanto, mais de 72 anos de existência. Funciona, desde os seus começos, no que é o Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, na Faculdade de Ciências da Universidade portuense. A história da sua actividade científica está por fazer, como aliás também não existe, elaborada em moldes modernos e com o devido fôlego, uma história da Antropologia portuguesa, em cujo contexto se pudesse cabalmente compreender o que tem sido o papel da S.P.A.E.

Seja como for, é importante destacar o lugar de relevo que a cidade do Porto — que paradoxalmente neste momento se encontra empobrecida no que toca ao ensino universitário da Antropologia (referimo-nos à Antropologia cultural, ou Etnologia)¹ —, desempenhou em vários momentos da gênese e desenvolvimento deste vasto domínio do saber. Toda a gente sabe que Almeida Garrett, que Jorge Dias considerava como o pioneiro do estudo do nosso folclore², era

* Presidente da direcção da S.P.A.E. Professor catedrático da Faculdade de Letras da U.P.

¹ Com excepção de uma disciplina de «Introdução à Antropologia Cultural», do 2º ano do curso de Sociologia da F.L.U.P. e de uma semelhante na licenciatura em Geografia, na mesma Faculdade, além de uma cadeira de Antropologia Cultural em Belas-Artes e de uma outra de «Antropologia do Espaço» em Arquitectura. De notar que, aquando da celebração do centenário de Almeida Garrett, o Prof. Américo Pires de Lima sugeriu a criação de uma cadeira de Antropologia Cultural na Universidade do Porto, que complementaria a de Antropologia Geral, existente desde 1911. Mais tarde, o Prof. Santos Júnior fez idêntica proposta, sem êxito, ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências. Certamente que a este «esvaziamento» do ensino e da investigação da Antropologia Cultural na Universidade do Porto não é alheia a extinção, até 1961, da Faculdade de Letras, e a cada vez maior importância que a Antropologia Física foi assumindo no Instituto de Antropologia, até certo ponto compreensível por estar ligado a uma Faculdade de Ciências, e pelo facto da tendência para a especialização ter apartado, com o tempo, os vários «ramos» da Antropologia, no sentido englobante em que ela era entendida nos finais do séc. XIX, princípios do XX.

² V. João Pinto Basto Lupi, *A concepção da Etnologia em António Jorge Dias*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1984, p. 337.

natural do Porto. Como também é sabido, o próprio fundador da Etnologia portuguesa, José Leite de Vasconcelos, natural da Ucanha, estudou no Porto, onde se licenciou em Ciências Naturais e Médicas em 1886, muito embora, logo no ano seguinte, se tenha mudado para Lisboa. Estes aspectos não passarão de curiosidades, mas na viragem do século dá-se um facto significativo. Entre 1899 e 1908, publica-se na capital nortenha a revista *Portugalia*, onde se juntam homens como Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso e José Fortes. O acervo de dados que nos deixaram, em dois espessos volumes, sobre Pré-história e Arqueologia, Antropologia Física, Etnografia e Folclore, é considerável. Em 1911, Mendes Corrêa concluiu o curso de Medicina na Universidade do Porto, e em 1912 começou a reger a cadeira de Antropologia, criada no ano anterior. Este autor, apesar das actividades políticas que o distraíram da investigação científica e da sua cidade de origem, teve uma acção muito importante na implantação da Antropologia entre nós, granjeando amplo prestígio no estrangeiro. Foram seus discípulos Alfredo Ataíde, Rui de Serpa Pinto (precocemente falecido) e J. R. dos Santos Júnior, que viria a ser o sucessor de Mendes Corrêa (a partir de 1958) na direcção do Instituto de Antropologia, até 1971, ano em que se jubilou.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia é assim criada à sombra da Universidade do Porto e do seu ensino da Antropologia, por homens como Mendes Corrêa, Aarão de Lacerda pai, Luís Viegas, Bento Carqueja, Abel Salazar, encontrando-se entre os sócios fundadores pessoas de outras zonas do país (o que desde logo lhe deu uma expressão nacional), como Vergílio Correia (Museu Nac. de Arte Antiga), Eusébio Encarnação (Fac. de Ciências de Coimbra), Baltazar Osório (Fac. de Ciências de Lisboa), Henrique de Vilhena (Fac. de Medicina de Lisboa) e Leite de Vasconcelos (Faculdade de Letras de Lisboa). Nos seus estatutos (cap. I, artº 1º) apontava-se os seguintes objectivos para a Sociedade: «estimular e cultivar em Portugal o estudo dos métodos antropológicos, da antropologia zoológica, antropologia étnica e arqueologia pré-históricas, psicologia experimental, etnografia, e dos ramos científicos seus derivados ou aplicados, como as antropologias militar, pedagógica, clínica, criminal, judiciária, etc.». Não poderia haver, como diríamos hoje, programa mais interdisciplinar... aliás testemunhado na variedade de formações e de interesses dos sócios fundadores, embora com certa preponderância da Antropologia Física, desde logo expressa no apoio prestado à S.P.A.E. pelo Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto, dirigido pelo Prof. Joaquim Pires de Lima³.

³ Este e diversos outros elementos referidos no presente texto foram colhidos no artigo de J.R. dos Santos Júnior, «A Sociedade Portuguesa de Antropologia e o Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIV, fasc. II, 1982, pp. 189-209.

Este espírito interdisciplinar é um dos capitais importantes da Sociedade que, se revivificado hoje com perspectivas actualizadas, se pode tornar num potencial elemento de actuação actual, motivando muitas pessoas dispersas para acções comuns, quer no interior e para o interesse da Universidade à qual a S.P.A.E. está profundamente ligada, quer ao nível da cidade do Porto e do país em geral. Aliás, Mendes Corrêa, criador do Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências e principal impulsionador da S.P.A.E. na sua fase de arranque, foi também professor de Geografia e de Etnologia na depois extinta Faculdade de Letras do Porto, simbolizando assim, na sua multiplicidade de interesses e de actividades, um espírito interdisciplinar que se gostaria hoje de ver revivescido, embora, naturalmente, como novos pressupostos epistemológicos e metodológicos.

É bom recordar que a S.P.A.E. produz a mais antiga, regular e conhecida revista portuguesa da especialidade, precisamente estes *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, de que se publica agora o 32º número (note-se que muitos dos volumes editados são compostos de vários fascículos). Pelo intercâmbio que estabelecem com revistas de todo o mundo, os *Trabalhos* têm permitido à S.P.A.E. constituir uma das mais importantes bibliotecas de Antropologia (utilizada agora esta palavra no sentido clássico, mais geral, por forma a abranger a Etnologia a Arqueologia e a Antropologia Física) do país. Acrescente-se que, por falta de instalações adequadas, essa biblioteca, essencialmente composta de publicações periódicas, se encontra em armários espalhados pelos corredores do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências, em condições precárias.

Falámos, a propósito do papel do Porto e da sua Universidade na origem e desenvolvimento da Etnologia portuguesa, de precursores e dos primeiros homens a trazerem-na para os *curricula* universitários. O desenvolvimento da S.P.A.E. é indissociável dessa realidade. É de lembrar que em 1923 o Museu e Laboratório ligados à cadeira de Antropologia passaram à categoria de Instituto de Investigações Antropológicas⁴, que realizou missões importantes nas colónias, nomeadamente na Guiné (sob a responsabilidade do Prof. Amílcar Mateus) e em Moçambique (com a direcção de Santos Júnior). Na sequência dessa actividade, a Sociedade organizou no Porto, em 1934, o 1º Congresso de Antropologia Colonial, aquando da Exposição Colonial, tendo-se publicado dois volumes de Actas.

Em 1947, Jorge Dias (também natural do Porto), que se doutorara em Munique em 1944, integra-se no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (cuja criação, que data de 1945, se deve também a Mendes Corrêa). Centro esse que igualmente funcionou, durante vários anos, nas instalações do Instituto de

⁴ Em Novembro de 1986 este organismo passou a designar-se Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, em homenagem ao seu fundador.

Antropologia. Estando Mendes Corrêa mais voltado para a Antropologia Física, Jorge Dias dirigiu a secção de Etnologia do Centro, com repercussões extremamente positivas no desenvolvimento desses estudos em Portugal, e na própria S.P.A.E., em cuja revista se publicam trabalhos importantes. Juntamente com Margot Dias (a partir de 1947), Ernesto Veiga de Oliveira (desde 1948), e Fernando Galhano (desde 1953), Jorge Dias realizou aí um enorme labor, depois continuado em Lisboa, para onde veio em 1956; mais tarde (1959), agregou-se à equipa Benjamim Pereira. Foi a Ernesto Veiga de Oliveira, portuense de nascimento e sócio honorário das S.P.A.E., falecido em Janeiro de 1990, que decidimos consagrar, em homenagem que se concluiu, os volumes 30, 31 e 32 da revista, respeitantes aos anos de 1990 a 92.

A partir dos finais dos anos 50, e até 1985, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia mantém a sua actividade graças principalmente à persistência do Prof. Santos Júnior (mesmo após a sua jubilação em 1971), um desbravador da Arqueologia e Etnografia de Trás-os-Montes e da Arqueologia de Moçambique e de Angola. O Instituto de Investigação Científica Tropical tomou a iniciativa de publicar uma recolha de estudos em sua memória, que se encontra no prelo.

Entretanto, em 1985, um conjunto de sócios (além do signatário, Eduardo Jorge L. Silva, José Viale Moutinho, Domingos Cruz e Mário Barroca) concorreram à direcção da S.P.A.E. e decidiram insuflar-lhe novo ânimo. Abriu-se assim uma nova fase da instituição, tendo-se reformado os estatutos (entretanto tornados obsoletos), admitido novos sócios (são actualmente cerca de três centenas e meia), entre os quais numerosos estudantes universitários, e realizado inúmeras sessões científicas. Em 1987, a S.P.A.E. foi superiormente reconhecida como Instituição de Utilidade Pública. Em 1988, sob a presidência de Susana Oliveira Jorge, da F.L.U.P., foi organizado no Porto um Colóquio de Antropologia Social (moderado por Augusto Santos Silva, da F.E.U.P.) e, de colaboração com o Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, um Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular, coordenado por nós. Os *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* viram enriquecido o seu conteúdo, através da inserção de trabalhos de muitos autores nacionais e estrangeiros altamente conceituados.

O aspecto mais negativo da S.P.A.E. é sem dúvida o das suas instalações, que como dissemos são cedidas pelo Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências e têm necessariamente um carácter provisório. Diversos apelos têm sido feitos à Reitoria no sentido de se obter um espaço que permita a arrumação e consulta condignas da valiosa biblioteca, que está ao serviço dos sócios e de todo o país. Não desejamos cortar o cordão umbilical que liga a S.P.A.E. à Universidade do Porto; pelo contrário. Mas não podemos viver eternamente na precária situação actual, esperando que, quando estiverem operacionais os numerosos edifícios

que actualmente estão a ser construídos para a Universidade, a S.P.A.E. encontre finalmente um sítio onde possa funcionar, no seio da Universidade em que nasceu. Ao mesmo tempo, esperamos que uma sede social condigna permita uma outra dinâmica por parte dos sócios, que na sua esmagadora maioria se limitam a receber a revista pelo correio, participando pouco nos actos colectivos da instituição, e contribuindo para desmoralizar as pessoas que assumem a responsabilidade de não só a não deixar desaparecer, como também de a revivificar com novo alento e com projectos de certo vulto⁵. Trata-se sem dúvida de um espaço interdisciplinar por excelência, capaz de interessar a muito mais pessoas do que aquelas que já se aperceberam do seu significado. Estamos certos de que agora, como em 1918, um conjunto amplo de pessoas se poderá congrega para fazer desta instituição, que granjeou prestígio em Portugal e no estrangeiro, um foro de autêntica vivência transdisciplinar. E, talvez, criar um movimento de opinião que leve à gestação de uma futura licenciatura ou unidade de investigação em Antropologia Cultural na Universidade do Porto, licenciatura (ou entidade) essa que corresponderia ao colmatar de uma lacuna e, ao mesmo tempo, recolheria a herança de uma longa tradição de estudos, hoje relativamente esquecida. O Porto, a sua Universidade, e a S.P.A.E., têm uma palavra a dizer na renovação dos estudos antropológicos em Portugal, até pelo rico acervo de dados que a região norte constitui. Estamos certos de que Ernesto Veiga de Oliveira, se ainda fosse vivo, apoiaria calorosamente esta ideia.

⁵ Em especial, está programada uma mesa-redonda subordinada ao tema «*Há uma cultura portuguesa?*», a realizar na delegação do Norte da Secretaria de Estado da Cultura, no Porto, em 27 de Abril de 1992. O seu objectivo será o de questionar os seguintes pontos fundamentais (Transcrevemo-los do programa): «— No espaço português, de acordo com as diversas coordenadas geográficas, profissionais, económicas, etc., da população, existem decerto variadas *culturas*, no sentido etnológico do termo. Apesar dessa diversidade, terá sentido falar de uma «cultura portuguesa», de traços constantes da nossa identidade? Pode a nossa história identificar essas eventuais constantes? — Que cultura (novamente, utilizaríamos melhor esta palavra no plural, embora aqui a usemos no seu sentido erudito) se está produzindo hoje em Portugal? Quais as condições que favorecem (ou não) entre nós a criatividade, nos seus mais diversos sentidos, desde o artístico ao científico? Que estatuto deve ter, hoje e no futuro, o criador cultural? Que devemos fazer para alargar a produção e o consumo culturais no nosso país? — Que condições tem a nossa cultura, popular ou erudita, de se afirmar face a um mundo em devir acelerado, e em abertura a espaços de diálogo progressivamente mais alargados, onde a informação é cada vez mais um elemento estratégico fundamental, onde defrontamos o impacto de outras culturas, outras cosmovisões, de forma crescente? Que papel pode Portugal desempenhar na cultura mundial, munido da sua língua e da sua experiência de contacto com múltiplos povos?».

Por outro lado, pensamos realizar, em Outubro de 1993, um *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, que marque o início de uma mais profunda colaboração entre todos os arqueólogos ibéricos, essencial para desbloquear o isolamento em que temos vivido, e para afirmar internacionalmente a pujança que estes estudos têm vindo a adquirir no conjunto das regiões peninsulares.

